



Não é novidade que, aos sete anos de idade, a gente não entende as coisas da vida com a mesma facilidade com que faz quando é adulto. É a época da ingenuidade que talvez seja a fase mais linda da vida, quando ainda se acredita nas coisas mais impossíveis e nas pessoas mais improváveis.

Seu Paes era uma dessas pessoas. Morava quase em frente à nossa casa e, embora tivesse uma idade avançada, não havia, como outros moradores do local, perdido a ternura com os passar dos anos.

Naquela época a divisão territorial das crianças era determinada pelas turmas e elas eram conhecidas pelo nome das ruas em que elas moravam. Por exemplo havia a turma da presidente Wilson, da barão de Jaguará, da Ana Nery, da Luís Antônio entre muitas. Nós éramos da turma da vilinha e seu Paes era um dos moradores mais antigos do lugar. Ele era dotado de grande conhecimento e nós nos víamos com muita frequência, principalmente quando eu voltava da escola onde cursava o primeiro ano do curso primário. As aulas começavam às duas da tarde e terminavam às cinco.

Um belo dia ele me chamou e disse que, uma vez que minha mãe tinha muitos vasos no jardim, provavelmente ela iria gostar se eu entendesse melhor como crescem as plantas e me propôs que plantássemos um vasinho e depois mostrássemos para ela. Eu achei ótimo e pensei que minha mãe iria adorar pois ela realmente

dava muita importância para suas plantas. Fato que talvez explicasse sua quase loucura e a gigantesca bronca que levamos no dia em que, ao usar dois grandes vasos de antúrios como traves do gol no jogo de bola, destruimos um deles em uma jogada na qual, a bola bateu na trave junto com o goleiro. Coisas do futebol, embora ela não tivesse encarado dessa forma.

Pois bem, no dia seguinte o seu Paes estava me esperando na volta da escola com um vasinho, um pouco de terra e uma plantinha na mão para ensinar as artes da jardinagem doméstica. Coloquei a terra no vaso, fiz um furinho com o dedo e plantei a muda, fechando o buraquinho com a terra em volta e fixando a plantinha, depois regamos com um pouco de água, sem encharcar a terra. Ficou lindo e eu estava muito feliz, porém o melhor ainda estava por vir. Seu Paes fez uma cara misteriosa e me disse que aquela

planta era de uma espécie muito rara pois tinha poderes mágicos. Era uma árvore de dinheiro. Isso mesmo, dinheiro, aquela coisa que meus pais sempre reclamavam que fazia muita falta em casa. Uma fonte inesgotável de dinheiro. Perguntei quando iria nascer e ele disse que era necessário ter um pouco de paciência pois levaria alguns dias para a planta criar raízes e fortalecer para então começar a dar o tão precioso fruto, porém eu não poderia nunca deixar de regá-la com carinho para que ela não morresse. Claro que a ideia dele era despertar em mim o amor pelas plantas e a disciplina de cuidar delas, mas eu só pensava no dinheiro.

Assim foram passando as semanas e todos os dias ao voltar da escola, eu regava a planta, olhando para ver se não havia nascido nada, até que um dia perguntei para o seu Paes se faltava muito tempo para frutificar, já que ela havia crescido bastante. Ele disse para esperar

mais um pouco que, em breve, teríamos novidades.

Numa sexta-feira, voltando da aula, a primeira coisa que fiz foi regar a planta e, quão grande não foi a minha surpresa ao descobrir que, saindo da terra, havia uma moeda. A árvore de dinheiro estava começando a dar frutos! Fiquei alucinado de contente e não pensei em mais nada a não ser ir até a casa do seu Paes e mostrar para ele. Sai correndo feito um louco e, ao atravessar a rua, não vi um homem que vinha, atrasado para o trabalho, descendo a leve ladeira em que ficava a nossa casa, numa bicicleta em grande velocidade. Ele me pegou em cheio e saiu voando rumo ao muro da casa vizinha. Desmaiei e não vi mais nada. Quando acordei, a casa estava cheia de gente, minha mãe chorava, tinha até um médico fazendo um monte de perguntas para mim, que não estava entendendo o que havia

acontecido, só sentia que estava todo ralado. A única coisa que eu lembrava era que, na minha planta, havia nascido dinheiro.

No dia seguinte apareceu em casa um senhor, com o braço quebrado, perguntando se eu estava passando bem. Era o motorista da bicicleta que havia ficado totalmente inutilizada. O coitado estava muito preocupado pois sentia-se culpado por não ter conseguido desviar a tempo e não me atingir, porém a culpa não foi dele e sim toda minha que saí correndo sem olhar para nada.

Mais tarde o seu Paes foi em casa. Estava todo chateado pelo que havia ocorrido porque ele soube qual fora o fato gerador da minha corrida alucinada e, pior, estava se sentindo na obrigação de me contar o que de verdade ocorrera naquela tarde. Ele, durante meu período na escola, havia colocado a moedinha no vaso como recompensa pelo carinho e

atenção dedicados à planta e nunca havia passado por sua cabeça que algo assim pudesse acontecer, originado de uma intenção tão boa.

Para alguém que desejava ser milionário quando crescesse, não sei o que me doeu mais na hora. Se os machucados decorrentes da batida da bicicleta ou a perda da inocência ao cair na real e entender que dinheiro, a solução dos problemas do meu pai, nunca nasceria em árvores.